

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

Formação do Meninas na Ciência: A Imagem do Corpo Feminino sob a Perspectiva da Interseccionalidade e dos Estereótipos de Gênero

ANNA JULIA L. D. SILVA¹, LETTICIA D. S. LEITE², LORRANY D. S. MIRANDA³, SAMIRA P. FARIAS⁴, GLEYCE R. D. A. ARAUJO⁵

¹Estudante de Técnico em Informática para Internet, Bolsista de Extensão, IFSP, Campus São Miguel Paulista, j.anna@aluno.ifsp.edu.br.

²Estudante de Técnico em Informática para Internet, IFSP, Campus São Miguel Paulista, letticia.l@aluno.ifsp.edu.br.

³Estudante de Técnico em Informática para Internet, Bolsista de Ensino, IFSP, Campus São Miguel Paulista, lorrany.s@aluno.ifsp.edu.br.

⁴Estudante de Técnico em Informática para Internet, IFSP, Campus São Miguel Paulista, samira.p@aluno.ifsp.edu.br.

⁵Docente no IFSP, Campus São Miguel Paulista, gleyce.rodrigues@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.00.00.00-7 Ciências Sociais Aplicadas

RESUMO: O projeto “Meninas na Ciência” teve como objetivo promover discussões sobre as influências sociais atribuídas ao gênero feminino, abordando temas como padrões estéticos e a interseccionalidade. Através de encontros realizados de forma remota, as participantes refletiram sobre as pressões sociais e a exclusão de mulheres negras e indígenas em debates relacionados ao protagonismo das mulheres. A metodologia envolveu a análise de textos de autoras como Naomi Wolf e Lélia Gonzalez, seguidos de debates interativos. Os resultados indicam que a maioria das participantes não havia tido acesso a discussões sobre gênero anteriormente, destacando a importância da formação crítica. Além disso, o projeto contribuiu para o desenvolvimento da autoestima, autoconhecimento e engajamento das alunas. As conclusões apontam para a necessidade de ampliar esses espaços educativos, que favorecem o fortalecimento da identidade e o empoderamento feminino, além de proporcionar um ambiente de troca e coletividade, essencial para a construção de uma visão mais inclusiva e crítica da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; mulheres; feminismo; diversidade; educação científica.

Girls in Science Training: The Image of the Female Body through the Lens of Intersectionality and Gender Stereotypes

ABSTRACT: The “Meninas na Ciência” project aimed to foster discussions on social influences attributed to the feminine gender, addressing topics such as aesthetic standards and intersectionality. Through remote meetings, participants reflected on social pressures and the exclusion of black and indigenous women in discussions related to female empowerment. The methodology involved analyzing texts by authors such as Naomi Wolf and Lélia Gonzalez, followed by interactive debates. The results indicate that most participants had not previously engaged in gender discussions, highlighting the importance of critical education. Furthermore, the project contributed to the development of self-esteem, self-awareness, and engagement among the students. Conclusions point to the need to expand such educational spaces, which promote the strengthening of identity and female empowerment, while also providing a collaborative and inclusive environment essential for constructing a more critical and inclusive view of society.

KEYWORDS: Identity; women; feminism; diversity; scientific education.

INTRODUÇÃO

A construção social do corpo feminino, apresentada por Naomi Wolf (1990), aponta que os padrões de beleza impostos pela sociedade são irreais e moldam a autoestima e autonomia das mulheres, limitando sua liberdade e reforçando desigualdades de gênero. Wolf critica o modelo eurocêntrico de beleza, que afeta a representação étnico-racial ao excluir mulheres negras, indígenas e periféricas, dentro de um feminismo hegemônico que ignora a interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Gonzalez (1988) evidencia que, ao negligenciar essa interseção, o feminismo tradicional perpetua a invisibilidade dessas mulheres e exclui suas experiências da luta feminista.

Diante desses cenários, o projeto “Meninas na Ciência” passou a promover encontros formativos com o objetivo de incentivar a discussão desses temas e conscientizar as alunas sobre os atributos que a sociedade define ao gênero feminino. A iniciativa oferece um espaço de diálogo e aprendizado coletivo, onde as participantes refletem criticamente sobre como a sociedade constrói e impõe padrões ao corpo feminino. As atividades estimulam o reconhecimento da diversidade entre as mulheres e o entendimento de como gênero, raça e classe se entrelaçam na formação das identidades e nas desigualdades vividas.

Em vista disso, este trabalho procura analisar os impactos das reuniões de formação, investigando como a reflexão coletiva influencia a percepção das integrantes sobre seus corpos e identidades e avalia o papel da interseccionalidade na compreensão das múltiplas opressões enfrentadas por mulheres. Além disso, esse estudo procura examinar os efeitos dos encontros formativos no desenvolvimento das voluntárias e bolsistas, contribuindo para a capacidade de raciocínio e pensamento crítico das participantes, promovendo atitudes mais conscientes e engajadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Ao considerar a importância de reuniões de formação para que as participantes do projeto pudessem aprimorar a formulação de suas opiniões e compreensões sobre os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino, definiu-se que os encontros ocorreriam mensalmente de forma remota, em dias e horários que melhor atendessem a maioria das voluntárias e orientadoras. Após a decisão, foram escolhidos dois temas, tratados em reuniões distintas e não correlatas. Com a intenção de promover o protagonismo das estudantes e estimular sua autonomia, para cada tema, duas voluntárias ficaram responsáveis pela escolha prévia de artigos e apresentá-los ao grupo, enquanto as demais se dedicaram à leitura e estudo dos textos ao longo da semana anterior à reunião, possibilitando discussões mais aprofundadas e que continham diferentes interpretações.

O público participante das atividades foi composto por meninas de 14 a 19 anos, estudantes de um dos cursos do Ensino Médio Integrado ao Técnico oferecido pelo Instituto Federal de São Paulo, Campus São Miguel Paulista - Informática para Internet, Produção de Áudio e Vídeo ou Design Gráfico. As participantes já integravam previamente o projeto Meninas na Ciência, o que favoreceu um ambiente de confiança, continuidade e engajamento nas discussões propostas. Essas alunas pertencem a diferentes cursos técnicos e apresentam trajetórias diversas dentro e fora da instituição, compartilhando o interesse pela reflexão crítica sobre temas de gênero, ciência e sociedade. Além das estudantes, o grupo contou com a participação ativa de professoras orientadoras do projeto, responsáveis por mediar os encontros formativos e acompanhar o desenvolvimento das alunas. A interação entre estudantes e docentes possibilitou uma troca de saberes significativa, promovendo um espaço de escuta, acolhimento e construção coletiva do conhecimento.

O primeiro tema que gerou grande interesse por parte do grupo foi *A imagem do corpo feminino e o mito da beleza*. Neste debate, selecionou-se trechos do livro *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, de Naomi Wolf — jornalista e escritora estadunidense. A obra se tornou um marco do feminismo contemporâneo e colaborou para a propagação da chamada terceira onda do feminismo, abordando a pressão que as mulheres sofrem para atingir níveis inalcançáveis de beleza que foram construídos socialmente, obsessão esta que acarreta em danos físicos, emocionais e sociais. Os padrões estéticos impostos às mulheres funcionam de maneira eficaz como controle social, especialmente após conquistas significativas das décadas anteriores. A autora realiza suas análises partindo de seis dimensões:

- Trabalho: A aparência causa exclusão no ambiente profissional;
- Cultura: Como a mídia reforça padrões de beleza irreais;

- Religião: O culto ao corpo substitui antigas formas religiosas de culpa e repressão;
- Sexo: Como a sexualidade feminina é controlada pela erotização padronizada;
- Fome: A epidemia de distúrbios alimentares pela busca da magreza;
- Violência: A beleza idealizada legitima a violência simbólica e física contra as mulheres.

Para o segundo encontro, realizado no dia 04/07/2025 estudou-se o tema: *Feminismo e Interseccionalidade* pela visão de Lélia Gonzalez, uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira a partir de trechos de seu livro *Por um Feminismo Afrolatinoamericano*. A autora articula uma crítica ao racismo e ao sexismo, destacando como esses sistemas se conectam e afetam em especial as mulheres negras, vítimas de uma tripla opressão baseada em raça, gênero e classe. Gonzalez sugere uma epistemologia própria das Américas, questionando o termo “América Latina” por ser um termo eurocêntrico, e propõe “América Ladina”, valorizando as raízes indígenas e africanas da identidade do continente. Sua reflexão mostra como o racismo sustentado pelo mito da democracia racial dificulta a visibilidade da negritude, ao mesmo tempo em que reforça estruturas coloniais e excludentes. Assim, a mulher negra revela-se como personagem principal na luta por justiça social, discutindo-se a importância de reconhecer como as desigualdades de gênero se cruzam com outras formas de opressão, como raça e classe, especialmente no contexto latino-americano.

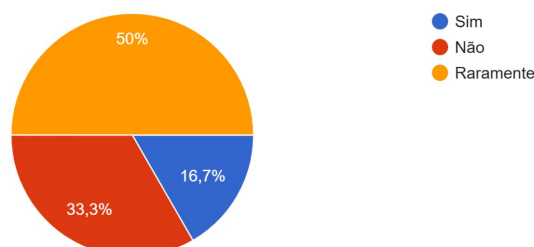
Após a realização dos dois encontros formativos, foi elaborado um formulário que contém perguntas qualitativas e quantitativas, divididas em quatro seções. A primeira delas reúne informações básicas, como idade e participação nos encontros. A segunda e a terceira abordam, respectivamente, os temas discutidos — “Feminismo e Interseccionalidade” e “A imagem do corpo feminino e o Mito da Beleza”. Por fim, a quarta parte propõe uma avaliação geral das reuniões e sua relevância no contexto escolar e formativo das discentes. O objetivo é compreender a experiência das participantes com perguntas direcionadas a como se sentiram, qual foi o nível de compreensão dos conteúdos abordados, que reflexões os temas provocaram e quais aspectos do formato ou da condução podem ser aprimorados para edições futuras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as atividades, as participantes demonstraram envolvimento e engajamento, promovendo um debate com múltiplas percepções, aprofundando as idéias exploradas pelo material teórico. A proposta metodológica, centrada na escuta ativa e compartilhamento de experiências, possibilitou um ambiente colaborativo e acolhedor, favorecendo a reflexão e compreensão dos temas. As reuniões contaram com cerca de dez integrantes, considerando as incluídas na análise acadêmica e na interação online, entre docentes e discentes. Ao que se refere às observações resultantes dos formulários eletrônicos, foi possível identificar padrões importantes sobre a percepção dos temas discutidos. A análise dos dados evidenciou características fundamentais para a compreensão do perfil das estudantes envolvidas nos encontros:

Gráfico 1 - Oportunidade de discutir temas de gênero antes dos encontros

Você já tinha tido oportunidade de discutir a fundo sobre esses temas fora dos encontros?
6 respostas



Metade das participantes (50%) comentam raramente debater temáticas de gênero no cotidiano, enquanto 33,3% nunca haviam tido o espaço adequado para explorar o tema. Dessa forma, salienta-se a escassez de meios para as reflexões sobre feminismo e padrões sociais impostos às mulheres. Como apresenta Bell Hooks (2018), tornar o feminismo acessível no cotidiano é essencial para que mais

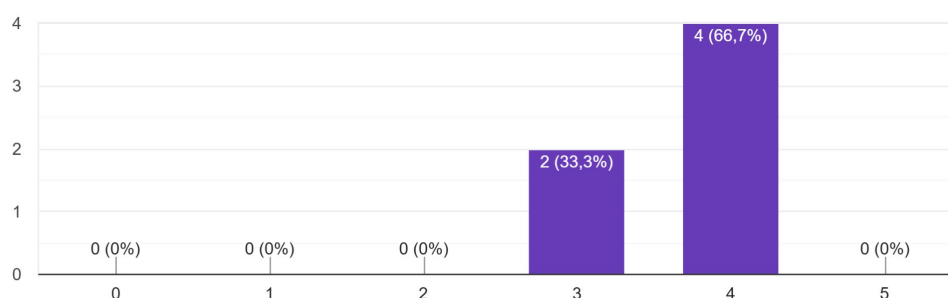
mulheres possam se reconhecer como sujeitos políticos e críticos. Evidencia-se a contribuição para a capacidade de reflexão crítica, em particular, as relacionadas à questão de gênero e estrutura social. Uma delas afirmou que a experiência foi importante “justamente por despertar pensamento crítico e permitir que certas perspectivas sejam mais valorizadas”, trazendo o foco para o potencial das atividades na promoção do protagonismo feminino.

Os encontros, a partir da formação de um grupo já familiarizado, favoreceu o estabelecimento de vínculos e promoveu trocas significativas. Com isso, as presentes puderam trabalhar o autoconhecimento, refletindo como as influências sociais afetam seus próprios comportamentos e decisões. Como discute Naomi Wolf (1992), a cultura da beleza funciona como um mecanismo de controle social, incentivando a rivalidade entre mulheres e promovendo um ideal inatingível que compromete sua autonomia. Os dados coletados revelaram que 60% das participantes não se sentem representadas pela mídia, enquanto 33,3% relataram vivenciar sentimentos de rivalidade em relação a outras mulheres. Além disso, 88,3% afirmaram que costumam se arrumar com o objetivo de atrair homens, provocar inveja em outras mulheres ou ambos. Esses resultados apontam a necessidade de rompimento de padrões, uma integrante afirmou que foi possível “ir além nas reflexões sobre machismo e sobre a sociedade, vendo outras perspectivas e sendo incentivada a ir mais fundo nesses assuntos.”, reforça o papel da proposta em estimular o aprofundamento das análises e em criar espaços de colaboração.

O processo gerou impactos no reconhecimento de mulheres, proporcionado contato com textos e materiais acadêmicos, expandindo a dimensão intelectual para o estabelecimento de posições e convicções acerca da estrutura social. A pesquisa reiterou a familiaridade do grupo com o termo “feminismo”: todas as participantes afirmaram conhecer o movimento, embora 16,7% tenham relatado possuir pouco conhecimento sobre o tema. Por outro lado, apenas 16,7% das alunas informaram conhecer o nome “Lélia Gonzalez”, apresentando uma lacuna na divulgação de intelectuais negras, conforme a própria autora já denunciava ao discutir a marginalização do pensamento produzido por mulheres negras no Brasil (GONZALEZ, 2020). Os aspectos revelam a importância de iniciativas educativas que promovam o contato com referências diversas, promovendo a construção de novos sentidos de identidade e pertencimento.

Gráfico 2 - Avaliação dos encontros

De 0 a 5, quanto esse encontro te ajudou a refletir sobre seu corpo ou sua autoestima? 0 = nada novo e 5 = aprendi muito
6 respostas



A avaliação apresenta uma devolutiva positiva, destacando que os encontros foram bem sucedidos em fomentar a reflexão e ampliar o conhecimento, gerando impactos na disseminação de tópicos relevantes e engajamento do grupo. As integrantes, ao serem questionadas sobre a importância da atividade, apontaram que “eles promovem a reflexão sobre temas importantes que, muitas vezes, não são abordados na escola”, indicando a relevância da dinâmica como um espaço complementar ao ambiente escolar, estimulando discussões e o senso crítico. De forma similar, outra integrante relatou que são essenciais “porque são temas que estão presentes na nossa sociedade que muitas vezes acabamos deixando passar despercebido e comentar sobre esses temas faz com possamos dar visibilidade,

entender-los e ter contato com a opinião de outras pessoas”, reforçando o potencial de divulgação e compreensão de intelectuais.

Os dados coletados indicam que 88,3% das participantes aprenderam algo novo, seja por meio da leitura teórica ou durante as reuniões remotas. Esse dado revela o potencial educativo do projeto, especialmente no que diz respeito à ampliação do repertório crítico das participantes em relação às questões de gênero. Entre os depoimentos, destaca-se uma participante que ressaltou como a discussão teve como o ponto central da reflexão “a normalização da rivalidade entre mulheres em diversos ambientes, entre eles o familiar”, reafirmando a necessidade de atividades que consolidem vínculos entre mulheres, sobretudo, entre as mais jovens. A partir do compartilhamento de experiências e do reconhecimento de vivências comuns, tornam-se possíveis a desconstrução de estigmas que, historicamente, têm fragmentado a convivência entre mulheres.

Dessa forma, a pesquisa demonstra a eficácia da proposta em fomentar um ambiente acolhedor e transformador, através do seu papel formativo. A estrutura que concilia teoria e diálogo contribui para a construção de vínculos e promoção de pensamento crítico. Além disso, evidencia a urgência de divulgação e estímulo de pensadoras e estudosas, estabelecendo uma conexão que possibilite a equidade de gênero. Os resultados apontam para a necessidade de continuidade e ampliação de espaços como este, que potencializam a reflexão, a troca de saberes e a construção coletiva de sentidos sobre a sociedade em que vivemos.

CONCLUSÕES

Portanto, expõe-se, através da análise da autora Naomi Wolf, que a imposição de padrões de beleza eurocêntricos afetam diretamente o modo como que as mulheres se compreendem e são inseridas na sociedade. Simultaneamente, a argumentação de Lélia Gonzalez demonstra como o feminismo hegemônico minimiza a relevância de mulheres negras, indígenas e periféricas ao desconsiderar as interseções entre gênero, raça e classe. Esses pontos foram fundamentais para as discussões realizadas nas formações do projeto Meninas na Ciência, que buscaram incentivar as alunas a refletirem sobre como tais conceitos influenciam vivências, seus corpos e identidades. Sendo assim, percebe-se a importância de criar espaços educativos que abordem essas questões de forma acessível, crítica e acolhedora.

Ao longo dos encontros, foi possível perceber o engajamento das participantes nas discussões e trocas de experiências. Elas se mostraram receptivas a questionar como a sociedade impõe às mulheres e de que forma isso interfere em sua autoestima e autonomia. O debate coletivo permitiu que diferentes pontos de vista fossem compartilhados, aprofundando as ideias exploradas pelos textos e fortalecendo a construção de uma consciência ampla sobre o papel da mulher na ciência e na sociedade. Além da análise de conteúdos teóricos, os encontros proporcionaram um espaço de escuta, acolhimento e identificação entre as alunas. Ao refletirem sobre suas experiências, a partir de um diálogo que contribuiu para o fortalecimento de uma compreensão mais crítica sobre como estruturas sociais naturalizam desigualdades

Os resultados e desdobramentos evidenciam que ações como essa são não apenas relevantes, mas também urgentes, já que promovem reflexão, diálogo e desenvolvimento pessoal. Além disso, contribuem diretamente para a formação de jovens mais críticas, seguras, confiantes e conscientes de seus direitos e do seu potencial. Com isso, propõe-se a formação de jovens mulheres com maior capacidade analítica, possibilitando um cenário de equidade, garantindo o sentimento de pertencimento a diversos campos que são, atualmente, ocupados majoritariamente por homens.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

A.J.L e L.S.M contribuíram na curadoria, concepção, coleta de dados e análise dos dados. A.J.L; L.S.L; L.S.M e S.P.F procederam com a metodologia e a discussão dos resultados. A.J.L; L.S.L; L.S.M; S.P.F e G.R.A.A atuaram na redação do trabalho.

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo pela concessão das bolsas de ensino (Edital SMP nº 03/2025) e de extensão (Edital SMP nº 02/2025), as quais possibilitam a construção deste projeto. Os agradecimentos também se dirigem às docentes

responsáveis pela orientação do projeto, bem como às bolsistas e voluntárias que participaram das reuniões e responderam ao formulário, tornando possível o levantamento dos dados aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Heloisa Moura. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.